

USO *OFF LABEL* DE MEDICAMENTOS DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Gislane Sacramento Silva ¹; Samuel Gomes Lomba ²; Lícia Maria de Jesus Santana³; Layla Fucks da Cruz⁴; Ohana Luiza Santos de Oliveira⁵

¹Graduanda em Biomedicina (FAMAM), gislanessilva.2@outlook.com; ²Graduando em Biomedicina (FAMAM), lombasamuel82@gmail.com; ³Graduanda em Biomedicina (FAMAM), liciha_11a@hotmail.com; ⁴Graduanda em Biomedicina (FAMAM), laylauliu@gmail.com; ⁵Biomédica (UESC), Docente no curso de Biomedicina (FAMAM), ohana.biomedica@yahoo.com.br.

Em 12 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a nível mundial uma nova pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 o qual desenvolve a doença respiratória denominada COVID-19. A partir deste cenário foram surgindo alternativas terapêuticas não comprovadas cientificamente, principalmente as medicamentosas, para o tratamento desta patologia, dentre elas destacam-se: Hidroxicloroquina, Cloroquina e Azitromicina. O uso destas medicações foi sendo administrado fora da finalidade para a qual foram criadas, o que caracteriza o termo *off label*, gerando reações adversas em alguns casos. O presente estudo teve como objetivo avaliar as consequências do uso *off label* de medicamentos utilizados durante a pandemia da COVID-19. Nesse sentido a metodologia aplicada consistiu em revisão de literatura integrativa, onde foram utilizados banco de dados e sites de busca acadêmicos, SciELO e Google acadêmico, através das palavras chaves: “COVID-19, medicamentos, *off label*, tratamento”. Assim os resultados obtidos verificaram que dentre os medicamentos, os pacientes que utilizaram a hidroxicloroquina e cloroquina apresentaram quadros mais graves quando comparados àqueles que não utilizaram. Ademais outro estudo evidenciou que os fármacos utilizados a longo prazo são suspeitos de causar reações adversas, as quais destacam-se a hidroxicloroquina (59,5%), azitromicina (9,8%), e cloroquina (5,2%). As seguintes reações foram, prolongamento do intervalo QT (medida do início do complexo QRS até o final da onda T), diarreia, prurido e elevação das transaminases (TGO e TGP). Além disso foi observado mascaramento de doenças evolutivas e ampliação de custos para o paciente como também para o sistema de saúde. Ressalta-se que durante alguns meses os medicamentos citados anteriormente, tiveram um aumento significativo tanto na quantidade de consumo quanto no valor de mercado. Por fim a partir da literatura torna-se evidente que não há comprovações científicas por nenhuma autoridade reguladora de medicamentos Nacional de que tais fármacos promovam ações que auxiliem no tratamento da COVID-19, assim como não possuem potenciais terapêuticos eficazes para a doença. Outrossim é necessário o monitoramento de pacientes que fazem uso do regime *off label*, alertando-os sobre os riscos dessa prática. Em vista disso, de acordo com a OMS, o coronavírus pode permanecer por muito tempo no mundo, sendo assim torna-se crucial o avanço de novos estudos em que sejam abordados o desenvolvimento de antivirais específicos para o tratamento da doença em humanos, com alta segurança e eficácia.

Palavras-chave: Hidroxicloroquina. Cloroquina. Reações. Coronavírus.